

Debate em Havana foi positivo

12 AÇO 1985

TARCISIO HOLANDA
Da Editoria de Política

O encontro de Havana sobre a dívida externa, que reuniu 1.500 latino-americanos de todas as tendências ideológicas na capital cubana entre os dias 30 de julho e 4 de agosto, serviu para mostrar aos credores estrangeiros e principalmente aos irritados norte-americanos que a América Latina está disposta a pagar o que deve, mas não nos termos draconianos em que o sistema financeiro e comercial do mundo coloca o pagamento.

A não muito ilustrada delegação brasileira admitiu negociar, na nota final da reunião, mas estabelecendo prazo de vinte anos e rediscutindo os juros. Fidel Castro, que também aconselhou seus compatriotas latino-americanos a não pagar, aproveitou-se do susto que o Encontro de Havana provocou nos credores para negociar o débito de 3 bilhões e 500 milhões de dólares da sua ilha de apenas 10 milhões de habitantes, cujas maiores riquezas são a monocultura da cana-de-açúcar e os finíssimos "blended" (charutos) cubanos.

IMPORTÂNCIA

Não obstante a profunda irritação de Reagan e da desastrosa diplomacia norte-americana, o Encontro de Havana sobre a dívida externa foi o mais importante Congresso já realizado na América Latina, o que reuniu mais personalidades importantes da sua vida política, sejam sociais-democratas, sejam comunistas (marxistas leninistas) e socialistas.

Corria em Havana entre os delegados (assustados) e os jornalistas (em intenso regime de "full time") que o USAID (Serviço de Divulgação dos Estados Unidos) distribuía "press release" entre

Rio, São Paulo e Brasília mostrando o alto endividamento do Peru, numa espécie de represália ao discurso com que o ousado Presidente Alan García, na festa de posse, afirmou que só pagaria anualmente o equivalente a 10 por cento do valor global das exportações.

A o mesmo tempo, mostrava-se em Havana como os americanos "jogam pesado". Corriam rumores de que o Governo dos Estados Unidos estaria disposto a "desovar" parte de seus estoques estratégicos de cobre para deflagrar uma guerra de preços para baixo, um "dumping" — e assim abalar ainda mais a combalida economia peruana.

Havia expressões de ódio entre alguns latino-americanos diante do rumor, principalmente dos comunistas. Roberto Freire, líder do Partido Comunista Brasileiro na Câmara, dizia em Havana que "os imperialistas não podem adotar essa política, como norma, por que acabariam aviltando os preços de importantes matérias-primas, inclusive minérios estratégicos, e diminuindo a margem de lucro das multinacionais americanas e de seus parceiros, os capitalistas europeus.

Claro que o Governo dos Estados Unidos não poderá partir para essa política terrorista de arrasa-quarteirão. Basta lembrar que não apenas o Peru depende de razoáveis cotações do cobre na Bolsa de Londres, mas também o seu irrisuível e violento aliado na América Latina — o Chile do temido e isolado general Augusto Pinochet.

Mas a marca do Encontro de Havana sobre a dívida externa foi o pragmatismo responsável, para roubar, de empréstimo, a expressão preferida pelo general Ernesto Geisel para designar a sua política externa independente. Havia uma explosiva retórica an-

tiimperialistas nos brilhantes discursos de Fidel Castro, do secretário-geral do Partido Comunista Chileno, Luis Corvalán, ou do ex-primeiro-ministro peruano, o general Edigardo Mercado Jarrín — mas todos, intramuros, admitiam negociar com seus draconianos credores europeus e americanos.

O próprio Fidel não ficou como ingênuo idealista, só lutando pelo calote. Pelo contrário, utilizou friamente o susto que seu Encontro de Havana provocou nos banqueiros franceses e americanos e logo fechou um acordo com a banca internacional, através de entendimento concluído com o Clube de Paris em torno da sua dívida externa.

Os 1.500 delegados que participaram do Encontro de Havana, principalmente os jornalistas, foram tratados por Fidel Castro no bem bom. Hospedamo-nos no luxuoso "grand palais" — o Habana Libre, o ex-Habana-Hilton, da cadeia multinacional americana de hotelaria.

Mas Castro não revelou interesse em nos mostrar como funciona na prática o regime comunista em Cuba. Deixou-nos de tal forma ocupados durante os dias que lá estivemos que não havia tempo útil disponível para conhecer na prática o que é o socialismo a La Rumba, como o definiu, certa feita, a irônica raposa da diplomacia mundial, o soviético Andrey Gromiko.

Nos poucos encontros que tivemos com cubanos no Bar do Habana Libre, pudemos constatar que a maioria do povo cubano apóia Castro com entusiasmo. As faixas mais pobres da população, que viviam miservalmente famintas no corrupto e picaresco regime do sargento Batista, estão sendo diariamente levadas a uma dieta de proteínas razoá-

vel, tiveram ascensão social (muitos filhos de camponeses, são operários e motoristas de táxi são médicos, veterinários, analistas de sistema, agrônomos, engenheiros, etc.), mas a alta classe média e alguns segmentos da média remanescente revelam-se desgostosos com a queda do padrão de vida, promovido pelo regime comunista para melhor distribuir escassos recursos.

Em Havana não vimos nenhum pedente e muito menos engraxate, na sua humilhante função, ou aquelas crianças famintas e maltrapilhas que costumam invadir os restaurantes de Fortaleza (Ceará) em busca de restos de alimentos de constrangidos turistas desavisados ou nos estacionamentos de todas as capitais brasileiras implorando alguns tostões para saciar a fome de dias.

E verdade que se vestem padronizadamente. Mas estão alimentados e têm direito a fazer turismo nas maravilhosas praias do Mar Báltico, ocupando as dachas que o regime comunista soviético costuma reservar para altos dignitários comunistas.

Fidel Castro já sofreu 146 atentados e confessou aos jornalistas na entrevista coletiva que deu no Centro de Convenções, para encerrar o Encontro, que a CIA norte-americana deseja eliminá-lo fisicamente — já tentaram por bala, já tentaram no México por envenenamento, tudo descoberto pela atenta segurança do líder cubano, hoje considerado o homem mais protegido do mundo, como o foi, a seu tempo, o general Charles De Gaulle.

Agora, é preciso que o Brasil também se utilize do Encontro de Havana, de forma tão pragmática como o fez Fidel Castro.